

Público

06-09-2022

Periodicidade: **Diário**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,12,13**

Adriano Moreira

Cem anos de raridades e de “uma ambiguidade”

Faz hoje cem anos o homem que foi ministro de Salazar e, meio século depois, conselheiro de Estado de Marcelo **Política, 12/13**

Público

06-09-2022

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Página(s): 1,12,13

Adriano Moreira

Cem anos de raridades e “uma ambiguidade”

No Estado Novo, foi “mal-amado”, no CDS “pouco consensual”. Mas é uma referência nos mundos académico e político. Celebra hoje 100 anos, sempre “inquieto” e a “procurar respostas”

Bárbara Reis

É comum ouvir a palavra “raro” quando se fala sobre Adriano Moreira. Um facto muito citado: foi ministro de António de Oliveira Salazar e meio século depois foi conselheiro de Estado de Marcelo Rebelo de Sousa. Outro: esteve preso na prisão do Aljube na ditadura e exilou-se no Brasil no início da democracia. E outro: hoje faz 100 anos e até há um mês mantinha uma coluna de opinião num jornal.

A história é comprida e complexa. Começa por não ter sido registado no dia em que nasceu. “Tenho recebido mensagens nos últimos dias a perguntar: ‘É a 6 ou a 15?’”, conta a deputada do PS Isabel Moreira, um dos seis filhos, sobre a dúvida quanto ao dia do aniversário. “Acontecia muito nas aldeias: as pessoas tinham de ir pé, era tudo difícil e registavam-se os filhos mais tarde.”

Essa é outra coisa rara associada a Moreira. Filho de uma família pobre de Grijó de Vale Benfeito — primeiro camponeses, depois política e costureira —, Adriano Moreira foi mandado para Lisboa para estudar. Tanto ele como a irmã Olívia licenciaram-se, ele em Direito nos anos 1940, ela em Medicina nos anos 1950. Outro facto raro: ele foi presidente do CDS, ela é militante do PCP e são muito próximos e

cúmplices. E, nesta breve lista de raridades, Moreira é um político e pensador elogiado em democracia tanto à direita como à esquerda. “Quando a pessoa está retirada da política, é fácil o unanimismo”, diz Adolfo Mesquita Nunes, que fez parte do Governo de Pedro Passos Coelho e recentemente desfilou-se do CDS, regressando à advocacia. “O unanimismo vem do seu prestígio académico e da imagem de conciliação, sensatez e preocupação social. Mas durante a política activa, nunca foi consensual. Quando foi presidente do CDS, não era uma figura consensual e várias pessoas saíram do partido porque achavam que era demasiado à direita. Ganhou uma aura de intocabilidade quando saiu da política activa. No seu caso, o estatuto é merecido: no tempo do cavatismo, trouxe um pendor social para o CDS. Falava dos ‘novos pobres’ quando se vivia o tempo dos ‘novos ricos’. Moreira representa uma direita que faz a transição do antigo regime para o novo sem que a transição seja feita de revanchismo, reescrita ou reversão da História.”

“A democracia foi bastante mais generosa com Moreira do que o Estado Novo”, diz Augusto Santos Silva, académico, durante anos ministro socialista e actual Presidente da Assembleia da República. “A democracia valorizou a sua actividade e o seu legado académico. Foi um jovem turco do regime de Salazar — minis-

tro muito novo, tinha menos de 40 anos — e foi um mal-amado no Estado Novo.”

Mas o seu papel na História continua a ser discutido. As reformas que fez como ministro do Ultramar, entre 1961 e 1962, são ao mesmo tempo a causa do seu afastamento do regime e a razão do debate — vivo — sobre o seu legado. Historiadores como Diogo Ramada Curto, Bernardo Pinto Cruz, Pedro Aires Oliveira e outros têm estudado as suas reformas.

O sentido das reformas?

Quando se fala com os jovens da época, ouve-se uma versão. O embaixador jubilado António Monteiro, que entrou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1968, cresceu a olhar para Moreira como “um herói”, quando o ministro ia ao Colégio Universitário Pio XII, uma residência de estudantes na Avenida das Forças Armadas, em Lisboa, fundada e dirigida pelo padre Joaquim Aguiar, dar conferências aos estudantes. “Eu tinha 15 anos e ouvíamos aquilo com espanto. Ele ia à biblioteca falar sobre a acção dele como ministro, a visão geopolítica do mundo, a necessidade da união das ‘comunidades portuguesas’, defender a linha do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, o grande mentor do ‘luso-tropicalismo’. Tinha uma linguagem extremamente atractiva e falava-nos do mundo. Eu tinha uma grande admiração por ele. Tinha acabado com o Estatuto



Adriano Moreira a discursar em 2018 quando foi homenageado no congresso do CDS; em 1999 quando tomou posse como presidente do Conselho Nacional de Avaliação; em 2020 na apresentação de um livro seu; e em 2014 numa homenagem a si (fotografias da esquerda para a direita)

“O unanimismo vem do prestígio académico e da imagem de conciliação, sensatez e preocupação social. Mas durante a política activa, nunca foi consensual”

Adolfo Mesquita Nunes
Ex-militante do CDS

Público

06-09-2022

Periodicidade: **Diário**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,12,13**



quando os outros países colonizadores já estão a fazer o caminho inverso. Em 1960, a França já tinha dado a independência a todas as colónias na África ocidental. A saída das colónias não estava nas suas cartas. Não creio que Moreira acreditasse que a descolonização fosse realista." Esta "ambiguidade" ajudou à sua integração na democracia, diz o historiador.

Mas foi mais do que isso. "Moreira é a figura de topo de toda uma geração de estudos sobre segurança e defesa em Portugal", diz Santos Silva. "Tem uma influência vastíssima nos estudos militares e em todo o ensino superior militar, em todos os ramos. E é um dos grandes pensadores portugueses sobre o Estado num sentido de continuidade histórica, para quem as mudanças de regime são relativamente secundárias e não se sobrepõem aos interesses nacionais."

Moreira, diz o ex-ministro socialista, "é um pensador do Estado e um defensor de um Estado forte, não autoritário, mas que deve valorizar mais as funções de soberania" e, por isso, "tem influência na diplomacia e nas pessoas que pensam a política externa em Portugal". Na sua leitura, "Moreira vê o Estado numa perspectiva de uma História de nove séculos, ao longo dos quais desenvolveu interesses nacionais permanentes que sobrevivem às alterações de regime, interesses que prevalecem sobre o

facto de o Estado ter sido mais autoritário, mais democrático, civilista, parlamentar ou presidencialista. Todos esses aspectos são menos importantes do que Portugal ser um país cuja independência se construiu e defendeu no equilíbrio entre a nossa costela continental e atlântica." Uma última característica: "Pensador político. Moreira é dos poucos que conhece a doutrina social da igreja, o que dá uma componente social ao seu conservadorismo político. Se quisermos uma figura que represente pensamento conservador com cunho social inspirado pela doutrina da igreja essa figura é Adriano Moreira".

Outros legados. "É um introdutor das Ciências Sociais em Portugal, tendo conseguido que ciências que não tinham expressão académica institucional passassem a ter", diz Aires Oliveira. Outro: "o grande promotor da difusão do luso-tropicalismo na sociedade e cultura portuguesa, que ainda hoje está presente", sendo o "luso-tropicalismo" um conjunto de "ideias altamente problemáticas". Foi Moreira quem promoveu as conferências de Freyre no célebre Congresso das Comunidades Portuguesas, no início dos anos 1970. E outro, segundo António Monteiro: "Ensinou gerações e gerações de todas as ideias políticas e sem qualquer exibicionismo político. Tem humildade e não se põe em bico dos pés."



Um dos seus alunos foi o também antigo embaixador Francisco Seixas da Costa, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU). "À época, era um nome de que muito se falava." Era "muito citado como possível opção" para suceder a Salazar. Para os estudantes, a "evidente conflitualidade" com Marcelo Caetano, o escolhido, "dava a Moreira uma auréola de alguma 'oposição', que se vinha a somar à imagem vaga, que alguns *connaisseurs* espalhavam à boca pequena, dos seus tempos de jovem advogado, em que chegara a estar detido pela polícia política, pela sua acção de defesa dos interesses da família do general José Marques Godinho, cuja morte misteriosa na prisão, na decorrência de uma tentativa de golpe militar nos anos 40, fazia parte das mitologias da oposição".

Os 100 anos de Adriano Moreira são tudo menos a preto e branco. Sobre o dia dos anos é mais simples. "É a 6 ou a 15?", perguntam os amigos. É hoje. Moreira vai celebrar num jantar em casa, no Restelo, com o núcleo duro: a mulher, cinco filhos e 15 netos. Não vai à homenagem organizada pela Casa de Trás-os-Montes no Pavilhão do Conhecimento. "Mas está igual ao que sempre foi", diz a filha Isabel. "Inquieto, a questionar e a procurar respostas."